

LETRAMENTOS SOCIAIS E A IMPORTÂNCIA DAS INFLUÊNCIAS

Isabela Vieira Barbosa¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar um histórico pessoal de letramento, usando como conceito de letramento o conjunto de práticas sociais que “envolvem o texto escrito” (DIONÍSIO, 2007, p.210). Desta forma tentaremos explorar como essas práticas sociais se sucederam com uma senhora de 64 anos, durante seu período escolar e acadêmico, não se restringindo apenas ao âmbito escolar e acadêmico, mas incluindo as diversas agências de letramento que atuaram sobre nossa entrevistada durante esse período, e quais foram as principais influências e contribuições que ocorreram para o desenvolvimento dos seus letramentos.

Palavras-Chave: Artefatos Culturais. Influências. Letramento.

SOCIAL LITERACY AND THE IMPORTANCY OF THE INFLUENCES

Abstract: The aim of this work is to present a personal history of literacy, using as concept of literacy the set of social practices that “involve the written text” (DIONÍSIO, 2007, p.210). This way we are going to explore how this practices succeeded with a 64 year-old woman, during her school and academic years, not only in the scholar and academic scope, but including the different agencies of literacy that worked over our interviewed in those times, and what were the main influences and contributions that happened which helped her to developed her literacies.

Keywords: Cultural artifacts. Influences. Literacy.

¹ Discente do curso de Mestrado em Educação da Universidade regional de Blumenau (FURB) Endereço eletrônico: miss.vieira@gmail.com.

Conto o que fui e vi, no levantar do dia

A entrevistada escolhida, conta que frequentou a escola durante as décadas de 1950 e 1960 em um colégio particular de ensino religioso e possui formação em nível superior. Durante a década de 1980, nossa entrevistada após a conclusão dos seus estudos no nível superior começou a atuar também como professora em nível superior, permanecendo nesta função por 14 anos. Porém, o que despertou o interesse pela sua história de letramento foram as diferentes influências e fatos ocorridos na sua história, que de forma interessante esculpíram seu amor pelos livros. Conforme lembra Soares (1998 apud SILVA 2009, p.80).

Pessoas ocupam lugares sociais diferentes e têm atividades e estilos de vida associados a esses lugares, enfrentam demandas funcionais completamente diferentes: sexo, idade, residência rural ou urbana e etnia são, entre outros, fatores que podem determinar a natureza do comportamento letrado.

Para que essa pesquisa fosse realizada, optamos então pela metodologia qualitativa descritiva, pois a intencionalidade dessa pesquisa é destacar os fatos e fenômenos relevantes ocorridos, (TRIVIÑOS, 1987) de forma a compreender melhor o nosso sujeito tal como as relações de poder e do meio social no qual estava inserida e de que forma tais contribuições foram capazes de influenciá-la em sua formação como sujeito letrado bem como a importância das relações de poder e das interações sociais que atuaram e continuam a atuar como influência. Ademais, optou-se por uma observação participante, para compreender como os letramentos fazem hoje parte da vida do sujeito.

Eu quase nada sei...

Logo ao iniciar nossa abordagem, a senhora foi perguntada sobre a importância que dava as práticas de leitura e escrita, práticas essas também definidas como práticas de letramento, que Kleiman (2005, p.21) destaca terem sido definidas pela literatura especializada nos últimos anos como “[...] um conjunto de práticas de uso da escrita que vinham modificando profundamente a sociedade, mais amplo do que as práticas escolares de uso da escrita, incluindo-as, porém.” E a entrevistada prontamente respondeu que considerava essencial. Toda sua criação havia sido pautada em práticas de letramento permeadas por um longo histórico escolar, por práticas fora do ambiente da escola, bem como pela convivência e contato com diferentes agências de letramento que possibilitaram influenciá-la em suas práticas de leitura e escrita. Destacando, como cita Lima (2012, p.52) que apesar de a sociedade acreditar e julgar “[...] a escola como a única agência de letramento capacitada para ensinar a escrita e a leitura aos aprendizes, [...]”, os letramentos são plurais, e múltiplas agências de letramento atuam na formação do sujeito letrado, e com nossa entrevistada não foi diferente.

Ao recordar-se de sua longa caminhada, a senhora foi questionada sobre como via as práticas de letramento ao longo de sua infância e alfabetização, citou que não sabia muito sobre o assunto “sobre letramento e alfabetização, [...] mas desconfio de alguma coisa”, dando então início aos seus relatos que narravam desde o começo o interesse que sempre teve pelas práticas de leitura, muito incentivadas por seus familiares. “Meus pais sempre gostaram muito de ler. Minha mãe gostava de romances, esses bem água-com-açúcar. Meu pai já gostava de Machado de Assis, José de Alencar... Gostava também de Ilíada, Shakespeare. Esses clássicos.” Ela complementou também dizendo que seu irmão, quatro anos mais velho, era outro que exercia grande influência na sua convivência com as diferentes formas de letramento. “Ele já

gostava mais de ação. Lia todos os livros do James Bond. Gostava bastante também de gibis. Li muitos gibis dele... Adorava a Lulu e do Bolinha.”

Para autores como Vygotsky, “a aprendizagem real se situa apenas em ambientes culturais específicos, onde há interação com os artefatos culturais e com outros seres humanos” (LIMA, 2012, p. 163). E é através dessa interação entre seres humanos, objetos e ambientes culturais que os sentidos serão construídos através de “[...] um processo ativo e dinâmico, em que sujeitos interagem por meio da linguagem” (FISHER; PELANDRÉ, 2010, p.576).

Moura (2004, p. 26) destaca que “o constante uso de recursos de leitura e de escrita em família contribui para a formação de bons leitores, a ambiente influencia a aquisição de hábitos de leitura. Os estímulos dos pais ajudam a desenvolver os interesses.” E na casa da nossa entrevistada, ela reforça que desde sua infância havia acesso aos mais diferentes artefatos culturais, que promoviam a leitura e as práticas de escrita, tornando-as parte do ambiente familiar e da rotina diária. Destaca também, que seus pais sempre buscaram oferecer diferentes materiais escritos e incentivavam-na e ao seu irmão a sempre escrever e ler para eles.

Porém sua história de letramento teve outras influências além da esfera familiar. A senhora comenta, por exemplo, que a escola teve uma grande influência em parte do seu letramento. “Eu estudava em um colégio de freiras, éramos obrigadas a ir à missa quase todos os dias. Lá aprendíamos os cantos, as orações [...] Tudo isso era parte da rotina escolar.” Ela recorda ainda que nesse colégio de educação religiosa, além de ser frequentado apenas por meninas, possuía de acordo com ela, uma educação bastante diferente da que acredita ter visto nos últimos anos nos colégios de suas filhas e sobrinhos. “Não tínhamos inglês na escola, fui estudar inglês bem depois [...], Lá só estudávamos latim e francês. Era

muito diferente dessa educação de hoje. Precisávamos ler os livros importantes, saber de tudo um pouco.”

Ela acredita que apesar das discordâncias que tinha em relação ao ensino e a rigidez da escola, acredita que foi influenciada em vários aspectos pela escola. “Não gostava de latim, mas me ajudou muito. [...] saber a origem das palavras muitas vezes me ajudou na faculdade [...] existem algumas semelhanças entre as palavras, sabe?” Ela destaca também, que o ensino de conotação religiosa sempre privilegiou a leitura de textos religiosos, com tamanha intensidade que muitas vezes a leitura desses textos integrava outros ambientes do seu contexto social. “Eu tinha que ler os textos, as músicas religiosas para escola. Muitas vezes íamos para a igreja no final de semana só para colocar em prática as leituras e as músicas.”

Ela fala, igualmente, que hábitos que não possuía antes do convívio escolar passaram a integrar a sua vida e a esfera familiar pela convivência com os letramentos religiosos. “Não tinha o hábito de frequentar igreja. Éramos católicos, mas nunca fomos muito praticantes. [...] mas em casa acabava sempre lendo os textos da bíblia e discutindo sobre eles com meus pais.”

Por influência de sua mãe, que apesar de nunca ter estudado música, todavia era uma grande admiradora das artes, também estudou em um conservatório, tendo 4 horas diárias de piano. “Lá... tínhamos aulas de piano, mas tínhamos também que estudar as partituras, a vida dos compositores. Não gosto muito de piano [...] não gostava de fazer apresentações, de ensaiar, nada disso [...] mas gosto de alguns compositores.” A senhora ressalta que sua mãe sempre foi uma grande incentivadora das artes, que inclusive “[...] o nome do meu irmão foi escolhido por causa do pianista”.

Ao perguntar sobre as práticas de leitura e escrita, nosa entrevistada, respondeu que os pais sempre consideraram

muito importantes a leitura e a escrita. O pai, já era formado em Administração de Empresas, função a qual exercia profissionalmente, mas estava constantemente estudando. “Depois de velho ele voltou para faculdade para fazer psicologia, dizia que era só para saber das coisas... para entender as pessoas...” a mãe estudou apenas até o “colegial”, “trabalhava fora, mas não estudou muito”. Entretanto, ela destaca que ambos os pais consideravam muito importante os estudos “diziam que era nossa obrigação estudar”.

Ao recordar de seu processo de alfabetização e anos escolares, lembrou-se também de uma empregada que lhe acompanhou durante muitos anos. “Babá” como era conhecida, havia vindo do Ceará para trabalhar na casa de uma amiga de sua mãe, mas por um desencontro acabou indo trabalhar em sua casa. A senhora conta que “Babá” mudou-se para sua casa aos 15 anos, e que não se recorda bem de sua chegada, pois tinha a época aproximadamente 3 ou 4 anos. Mas com o tempo notou-se que ela não sabia ler nem escrever. “A gente era muito pequeno, acho que nunca notamos isso, mas quando começamos a aprender a ler e escrever melhor achava estranho que a Babá não soubesse.”

Ela relembra alegremente ainda que com o passar do tempo, ela e o irmão ajudaram a empregada a começar a ler. “Na época não tinha esses supletivos, nem cursinho. Pelo menos não conhecia. Babá estava sempre perto na hora das tarefas, então eu e o meu irmão começamos a ensinar a ela do básico.” Ela recorda que os pais achavam tudo estranho e levavam em certo tom de brincadeira, e não interferiam, mas ela e o irmão sentiam orgulho e poder ensinar alguma coisa. Soares (2005) ressalta que a escrita é mais que “[...] um processo de apenas aprender a ler e a escrever, mas [...] um processo de real inclusão social, cultural e política — um processo de letramento.” (p.52) “Começamos pelo jornal. Ensinávamos que B + A dava BA e fomos ensinando algumas palavras. Ela tentava ler no jornal. Escrevia no caderno e as-

sim foi.” Ao recordar dessa história frisa que a empregada ainda ficou mais de 25 anos na família, inclusive vindo mais tarde a também influenciar as práticas de letramento de toda família, até vir a falecer. “Depois que aprendeu a ler, ela lia tudo que podia. Uma época até namorou com o jornalista. Trazia todas as revistas para casa. Lia o tempo todo. Mas a Babá gostava mesmo era de revista de fofoca e fotonovela. Eu não gostava de fotonovela, mas já que ela levava lá para casa, eu acabava lendo também.”

Posteriormente a isso, foi morar nos Estados Unidos por alguns anos. A senhora se recorda que sua mãe viajou primeiramente para se adaptar. “Ficamos esperando terminar o semestre. Ela não sabia nada de inglês. Quando chegamos lá ela já tinha aprendido o suficiente para se virar.” Além de terminar os estudos escolares, fala que a leitura de livros, o convívio com o idioma e todas as diferentes formas de letramentos sociais auxiliaram no aprendizado da língua. Mascia (MASCIA, 2013, p. 140) destaca que “o Modelo Ideológico vê o letramento como necessariamente plural: sociedades diferentes e subgrupos sociais têm diferentes tipos de letramento” e ao mudar de sociedade e de grupo social, a senhora pode notar que além do idioma, diferentes práticas letradas ocorriam de maneiras diferentes. “Tinha feito três anos de cursinho de inglês. Achava que falava muito, quando cheguei lá não conseguia abrir a boca.” Como lembra Freire (1989, p.9) “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.” Contudo, apesar de ter um conhecimento da linguagem, a realidade na qual a mesma era aplicada era completamente diferente, e para que pudesse compreender o suficiente para fazer a leitura de mundo, era necessário primeiramente se incluir nessa realidade e compreendê-la.

Depois de alguns anos, novamente viu-se desafiada outra vez a se adaptar em uma realidade. Havia se mudado para a Espanha, onde além de se adequar a mais um novo idioma interagiu ainda com uma leitura de sociedade totalmente diferente do que havia compartilhado nos anos nos em Long Island² e no Rio de Janeiro, tentando ambientar-se diante de uma ditadura militar em um país estrangeiro. Ela recorda que na cidade que morava, Madri, a Universidade estava constantemente em greve ou fechada pelo poder público. “Fui com a intenção de estudar, mas a faculdade vivia fechada. Acabei aprendendo mais falando na rua e lendo por conta própria. Naquela época não tinha internet, então comprava “pocket books” e tentava ler em espanhol.” Ela recorda também, que muitas das informações e acessos a livros, revistas e jornais eram controladas pelo Estado. “Às vezes não tínhamos notícias do Brasil... as cartas demoravam a chegar... os jornais vinham dias depois.” Em concordância com Kleiman (2001), ressaltamos que “[...] todas as práticas de letramento são aspectos não apenas da cultura, mas também das estruturas de poder numa sociedade” (p. 38) e o poder exercido pelo General Franco³ era sentido por todos em suas diferentes formas de efetivação. “Letramento é histórico e culturalmente situado” (LIMA, 2012, p. 48).

Ao ingressar na Universidade, outra vez deparou-se com uma nova agência de letramento, mais formal, mas que novamente iria contribuir e modificá-la como sujeito letrado. Ao longo da sua construção como profissional, as práticas de letramento começaram a exercer influência de diversas for-

² Long Island é uma ilha situada no sudeste do estado de Nova Iorque, Estados Unidos, onde a entrevistada morou.

³ Francisco Franco Bahamonde foi um militar, chefe de Estado e ditador espanhol. Conhecido como Francisco Franco ou simplesmente Franco, integrou o Golpe de Estado na Espanha em julho de 1936 contra o governo democrático da Segunda República, que desembocou na Guerra Civil Espanhola. Exerceu a função de Chefe de Estado da Espanha entre 1938 e 1973.

mas na sua formação pessoal e até a desenvolver características específicas. Quanto a características específicas consideradas “típicas” da sua formação Médica, era relembra que “Na época da faculdade tudo que a gente tinha que saber tava no quadro. Era questão de escrever tudo o mais rápido possível, a letra era o de menos. [...] mas nem acho que minha letra seja tão ruim, tem piores”. “Essas práticas de letramento estão integralmente vinculadas à identidade ou sentido das pessoas que as praticam; uma mudança de práticas implica em uma mudança de identidade” (MASCIA, 2013, p. 140).

O meio formal da Universidade não só exigia habilidades distintas e exercia uma mudança nas práticas e consequentemente na identidade, mas determinava também, uma mudança na linguagem utilizada dentro do meio no qual a senhora estava inclusa. Pois conforme destacam Fisher e Pelandré (2010, p. 572)

[...] é nos eventos de letramento acadêmico que os alunos vão construindo os seus saberes acadêmicos/científicos e, para além disso, também os posicionamentos ideológicos, significados culturais e estruturas de poder que, em conjunto, constituem o modo cultural de usar os textos.

Mas desconfio de muita coisa

Muitos anos se passaram, desde o início de suas práticas de letramento e de seus primeiros contatos com os livros, além dos contatos com os diferentes eventos de letramento que marcaram sua vida. E durante todo esse período o seu encantamento por esses artefatos e eventos de letramento apenas cresceu. Hoje, nossa entrevistada, possui aproximadamente 500 livros, entre livros técnicos da área da saúde, livros didáticos, romances, livros em línguas estrangeiras, enciclopédias, coleções completas entre outros. Além de

destinar pelo menos uma hora diária para leitura, todos os dias da semana.

Hoje, aos 64 anos, mora com suas duas filhas. Formada em medicina há 34 anos, há três anos encontra-se aposentada e faz da leitura seu hobby constante. Seja através da leitura dos seus estimados livros, de revistas ou de notícias e variedades online. Ela ressalta que “a internet é uma das melhores coisas inventada. Pago minhas contas, leio notícias, faço compras e às vezes fico navegando em busca de novidades.” Ela destaca também, que desde o início da internet, sua visão sobre leitura e escrita mudou bastante. “Antigamente era difícil achar um livro antigo, tínhamos que correr várias lojas” ressalta também a importância da internet diante da globalização “Lembro que em certas épocas só tinha notícias do Brasil por cartas, não sabia do que se passava aqui. Hoje a gente sabe tudo que se passa no mundo todo, na hora. Ninguém precisa esperar.” Todavia ela também destaca que acha as possibilidades de comunicação muitas vezes perigosas. As diferentes mídias digitais como twitter, bloggers e Facebook são um destaque na sua preocupação. “Acho que as pessoas acabam divulgando informações pessoais demais, não gosto disso.”

A entrevista admite que suas práticas de letramento hoje ocorram mais no seu ambiente familiar e nas horas de lazer, e que privilegia a leitura. Aqui, quando falamos de leitura, entendemos que “[...] ler é atribuir significado” (LEFFA, 1996, p. 15) e que não necessariamente a qualidade da leitura está relacionada com a quantidade ou importância das obras escolhidas, e sim com a experiência que o leitor possui ao ler o texto. Ela destaca ainda, que gosta de ler praticamente tudo, “desde que seja bom”, mas que por influências de leituras anteriores e de hábitos estabelecidos desde a adolescência, prefere os livros de suspense e policiais.

Quando abordamos a escrita, ela frisa que “hoje em dia a gente quase não escreve mais. Ninguém mais escreve car-

tas, manda cartão, nada disso. Só a minha turma da faculdade que ainda manda e-mail.” Ela notabiliza que até alguns anos atrás ainda possuía esse hábito de escrever cartas e especialmente cartões postais. Mas que hoje, em virtude das novas mídias digitais, do mesmo modo deixou para trás vários desses costumes. Reforça que faz uso dessas novas mídias, em especial do “whatsAPP” e da internet. O “Facebook eu não gosto, acho que não serve para nada”. Mas destaca que faz questão de usar a normal culta da língua, desgosta de abreviações e acredita que “quanto mais errado se escreve, mais se esquece da forma certa”.

Complementa e crê ainda, que suas influências foram essenciais para ajudar-lhe a se constituir como sujeito “acho que tudo que eu aprendi, as experiências e as oportunidades que eu tive na vida me ajudaram a ser um pouco quem eu sou. [...] talvez com outras experiências eu tivesse tido uma vida diferente.”

Por isso, tenta passar para as filhas a importância “de ler, escrever e estar sempre buscando novos conhecimentos. Eu sempre falo que a única coisa que a gente leva da vida é a educação, todo o resto vai embora com o tempo. E a educação é a maior herança que posso deixar para elas”. Desta forma, em consonância com Freire (1976, p.17) que relembra ser necessário que tenhamos “em mente que nenhuma prática educativa se dá no ar, mas num contexto, histórico, social, cultural, econômico, político, não necessariamente idêntico a outro contexto” e que todas as agências de letramento e as pessoas que fazem parte de um contexto social sejam no âmbito familiar, educacional ou outro contribuem e influenciam o sujeito em seu processo de letramento. Ao contrário da alfabetização que Soares e Maciel (2000, p. 3) destacam ser algo fixo apenas uma habilidade técnica que identifica uma capacidade de fazer ou não algo, de conseguir ou não ler ou escrever, mas que não inclui as pluralidades e as singularidades do letramento. As mesmas autoras afirmam que o

letramento, por outro lado, é uma construção constante, é a existência de um “hábito, as habilidades e até mesmo o prazer de leitura e de escrita de diferentes gêneros de textos, em diferentes suportes ou portadores, em diferentes contextos e circunstâncias”.

Para Hamilton (2000, p. 18)

Os eventos de letramento visíveis são apenas a ponta do iceberg: as práticas de letramento podem apenas ser inferidas a partir de evidências observáveis, porque elas incluem recursos invisíveis, tais como conhecimento e sentimento; elas incorporam valores e propósitos sociais; e são parte de um contexto em constante mudança, tanto espacial como temporalmente (HAMILTON, 2000, p. 18, grifo nosso).

E por isso concluímos acreditando que tão importante quanto os contextos sociais onde os letramentos ocorrem é a possibilidade de trocas e contatos com sociedades plurais e diferentes agências e eventos de letramento, corroborando o pensamento de Street (2007, p. 466) de que:

[...] existem vários modos diferentes pelos quais representamos nossos usos e significados de ler e escrever em diferentes contextos sociais e o testemunho de sociedades e épocas diferentes demonstra que é enganoso pensar em uma coisa única e compacta chamada letramento.

Referências

DIONÍSIO, Ma. L. Literacias em contexto de intervenção pedagógica. Um exemplo sustentado nos Novos Estudos de Literacia. *Educação* — Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, v. 32, n. 1, 2007.

FISCHER, Adriana; PELANDRÉ, Nilcéa Lemos. Letramento acadêmico e a construção de sentido nas leituras de um gênero. *Perspec-*

tiva, [s.l.], v. 28, n. 2, p.569-599, 14 jul. 2011. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

FREIRE, P. *Ação Cultural para a Libertação*. Paz e Terra, Rio de Janeiro. 1976.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

HAMILTON, M. Expanding the new literacy studies: using photographs to explore literacy as social practice. In: D. Barton, M. Hamilton e R. Ivanic (Org.). *Situated literacies: reading and writing in context*. Londres: Routledge, p. 16-34

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. (Org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. 3. reimpr. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 15-61.

KLEIMAN, A. B. *Preciso "ensinar" o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* Brasília: Ministério da Educação, 2005.

LEFFA, Vilson J. *Aspectos da leitura*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1996.

LIMA, Alberto José Ferreira de. *Letramento digital e letramento informacional na literatura nacional e internacional em língua inglesa*. 2012. 204 f. Dissertação (Mestrado) — Curso de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (PB), 2012.

MASCIA, Márcia Aparecida Amador. *O discurso de letramento e as relações de poder: Por uma abordagem menos ilusória*. Travessias, Cascavel (PR), v. 7, p.138-153, 2013. Quadrimestral.

MOURA, F. C. *Letramento na Educação Infantil*. 2004. 41 f. Monografia (Especialização) — Curso de Educação Infantil e Desenvolvimento, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

SILVA, E. M. da. A influência do histórico de letramento dos sujeitos em suas práticas de leitura e escrita. *Veredas Favip*: Revista

eletrônica de Ciências, Ipojuca, v. 2, n. 12, p.51-59, 2009. Janeiro – dezembro.

SOARES, M. B. *Alfabetização e letramento têm o mesmo significado?* Pátio: Revista pedagógica. Porto Alegre, n.34, maio/jul. 2005. p. 40-49.

SOARES, M; MACIEL, F. (Org.). *Alfabetização*. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2000.

STREET, Brian. Perspectivas interculturais sobre o letramento. *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa da Universidade de São Paulo*. n. 8, p. 465-488, 2007.

[Recebido: 30 set. 2015 - Aceito: 25 out. 2015]